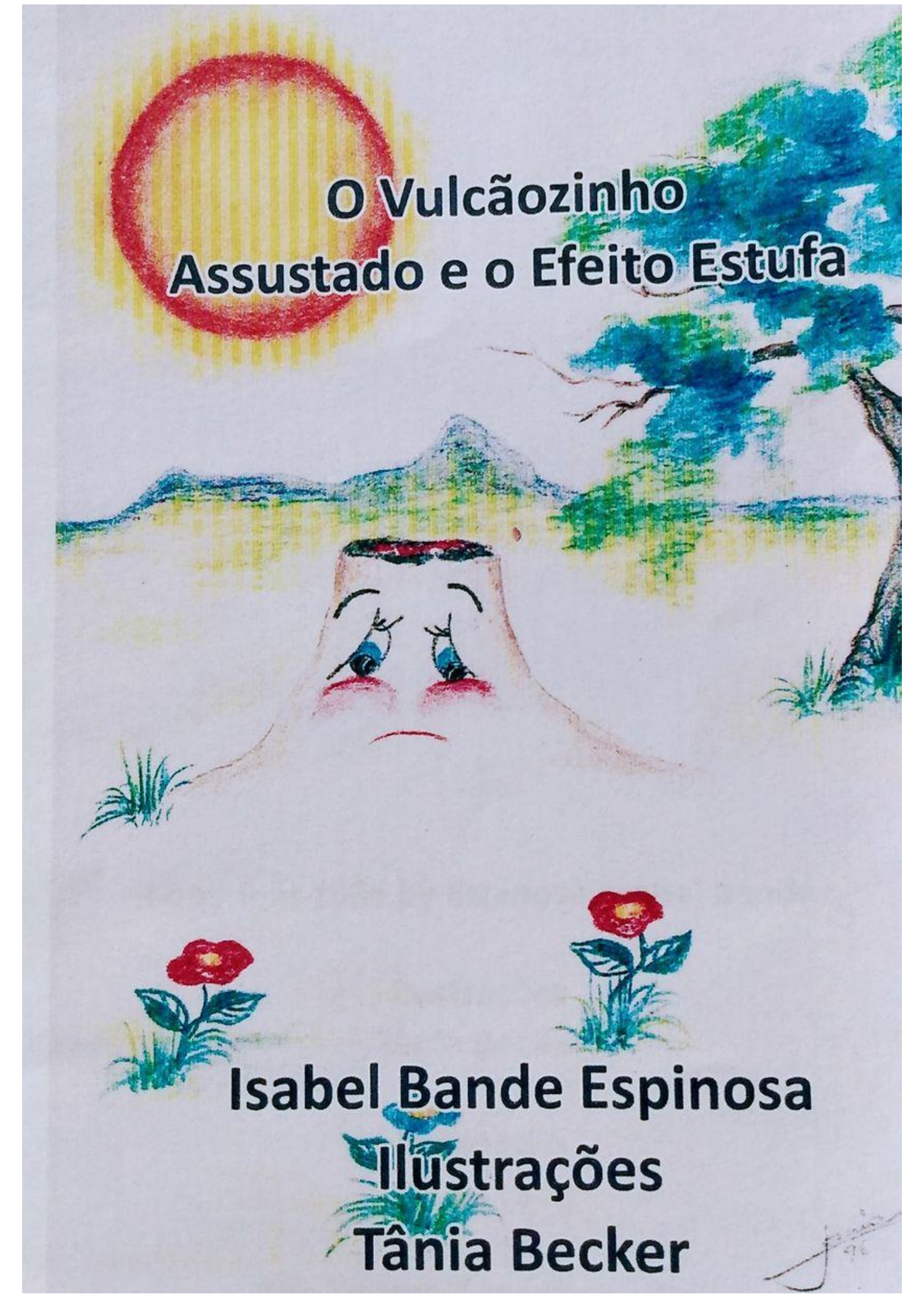




O Vulcãozinho Assustado e o Efeito Estufa

Isabel Bande Espinosa
Ilustrações
Tânia Becker

O Vulcãozinho Assustado e o Efeito Estufa

Isabel Bande Espinosa



**© Copyright 2021,
Isabel Bande Espinosa.**

O Vulcãozinho Assustado e o Efeito Estufa
© Copyright, 1996-2021 - Isabel Bande Espinosa.

Editora Pepe Arte Viva Ltda., para a presente edição.
São Thomé das Letras-MG – Brasil.

Ilustração da capa e internas: Tânia Becker.

Versão digital de ilustração da capa: Pepe Chaves.

Versão impressa do livro: Gil Faria.

Versão digital do livro: Pepe Chaves.

Foto da contracapa: Arquivo da autora.

Texto da contracapa & revisão: Isabel Bande Espinosa.

MINHA GRATIDÃO:

A meus alunos e alunas e a todas as pessoas que participaram do projeto de Educação Ambiental, “Jaguari, Epopeia de Um Rio”, realizado em Jaguariúna, São Paulo, para o qual escrevi meus livros infantis ecológicos.

A minha mãe, Francisca Espinosa, por sua fundamental e inestimável ajuda e incentivo para que meus sonhos pudessem tornar-se realidade.

A Geraldo Stachetti Rodrigues, por ter me acompanhado em meus estudos auto didáticos e em nosso trabalho para o Projeto Jaguari, e pelo prefácio maravilhoso que escreveu para meus livros infantis ecológicos, logo que chegou dos EUA, onde fez seu doutorado, e pude então mostrá-los a ele e pedir-lhe que avaliasse o lado científico, que fiz questão de privilegiar, dentro do lema de nosso projeto: conhecer para amar e defender.

A Tânia Becker, pelo lindo presente, para a Natureza e para mim, de suas ilustrações para este livro, e a seu filho, Georg Renato Sattelmayer, que recuperou os originais. Sem isso, o vulcãozinho poderia ter se perdido.

A meu filho, Pedro de Espinosa Rangel, que digitou, durante o projeto, o texto deste livro.

A Gil Faria, que, finalmente, depois de anos de tentativas para lançá-lo, e com pouquíssimos recursos, meio que artesanalmente, e com muito carinho, o editou, aqui em São Thomé das Letras. Foi uma grande alegria para mim.

Ao Todo, a todas e a todos os seres deste lindo Planeta.

Isabel Bande Espinosa
São Thomé das Letras-MG
Maio - 2021

PREFÁCIO

Por Geraldo Stachetti Rodrigues*

Às vezes há oportunidades pairando no espaço. Às vezes oportunidades são percebidas, como que captadas em forma de ideias e transformadas em projetos, em acontecimentos.

Outras vezes oportunidades ficam latentes, pulsando em seus mensageiros, como o jequitibá na semente que cai. Como a sabedoria singela nas palavras da Isabel.

A todo instante, todos pensam na necessidade de educar um povo inteiro, de encher de ânsia de curiosidade e saber as mentes de crianças brasileiras de dois a oitenta anos.

Em seus livros, “Era Uma Vez um Rio”, “Uma Árvore, Uma História”, “Folhas de Lua Quer Ser Mamãe”, “O Vulcãozinho Assustado e o Efeito Estufa” e “Mistério na Floresta dos Gnomos”, Isabel Bande Espinosa nos empresta sua poesia, como que embalsamada num âmbar de conhecimento e ética ecológica e conservacionista.

Para todos nós, educadores, pais, irmãos, tios, avós e amigos, essa leitura traz inspiração e vontade de mostrar ao mundo quão clara está a verdade.

Estamos todos partilhando um pequeno ponto azul brilhante num imenso universo repleto de pontos, planetas e sóis.

Nossa proximidade é tal, que não podemos nos olhar como vizinhos, mas sim como colegas de cômodo.

Apenas por falar e ser ouvido, cada um de nós é causa constante das mudanças que fazem com que cada dia seja único.

Palavras mudaram minha vida para um rumo irreversível há muito tempo. Eu lia sobre pássaros e outros bichos e me maravilhava.

Demorou um pouco, até que eu tivesse a sensibilidade de, ao andar na chuva por um campo, notar, nas miniaturas de flores que parecem insignificantes, toda a grandeza da Natureza.

É por essa sensação de imensidão que sinto ao notar a corrente que todos formamos por proximidade, que faço hoje meu esforço no trabalho.

Todo tempo e acaso que, em minha caminhada de criança e adulto, me fez passar pela trilha da busca do entendimento da Natureza, estão bem à frente dos meus olhos.

Estes livros são um atalho claro e suave, sensibilizador e educativo, para que a criança em todos nós possa vislumbrar o mundo como a Isabel o concebe.

Um mundo bonito e harmonioso, pelo qual vale a pena trabalhar e lutar de coração.

*** Geraldo Stachetti Rodrigues é Bacharel em Ecologia pela UNESP – Rio Claro (1982); Mestre em Biologia Vegetal pela UNESP – Rio Claro (1986); Phd em Ecologia pela Cornell University - Ithaca – NY, EUA (1995) e Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Monitoramento da Embrapa.**



Pobre vulcãozinho! Fazia muitos e muitos anos que ele tinha aquele jeito explosivo de ser, jogando para o ar, de vez em quando, sua raiva cheia de lavas de fogo e dióxido de carbono e nunca, ninguém, tinha implicado com ele.

Pois não é que, de repente, apareceram aquelas vozes esquisitas e todo mundo começou a dizer que ele é que era culpado daquela história de que a Terra ficaria inundada?

E mais: que tudo ia ficar de pernas pro ar no Planeta. Que os lugares frios iam ficar quentes, e que os pinguins, as focas, os ursos iam morrer na certa. E que todo mundo ia passar fome, porque as plantas já estavam acostumadas a um certo clima e não iam aguentar as mudanças. Uma catástrofe.

E tudo por causa dele?

Não entendia muito bem como é que essas coisas podiam acontecer, mas tinha uma certeza: a culpa não era dele. Isso não era.

Tinha certeza, mas de tanto falarem, seu coração de vulcão começou a ficar apertado e, por mais que raciocinasse e que dissesse a si mesmo que ele sempre tinha sido assim, daquele jeito, sem provocar catástrofe alguma, percebeu que estava ficando cada vez mais tenso, com vontade de explodir com mais

violência e, ao mesmo tempo, com medo de causar algum mal ao mundo.

E foi ficando muito, muito infeliz. Tanto que, as salamandras, as fadas do fogo, ficaram com muita pena dele e, percebendo que não conseguiria resolver aquele conflito sozinho, resolveram ajudá-lo.

Mas como? Nem elas entendiam direito o que estava acontecendo e o vulcãozinho era daqueles que precisavam compreender as coisas direitinho para se acalmar.

Havia dois mistérios a serem desvendados: que história era aquela de que a Terra ficaria inundada por causa do efeito estufa, que já existia há muitos, mas muitos anos mesmo, sem inundar nada? E outro: quem estaria interessado em colocar a culpa toda num vulcãozinho?

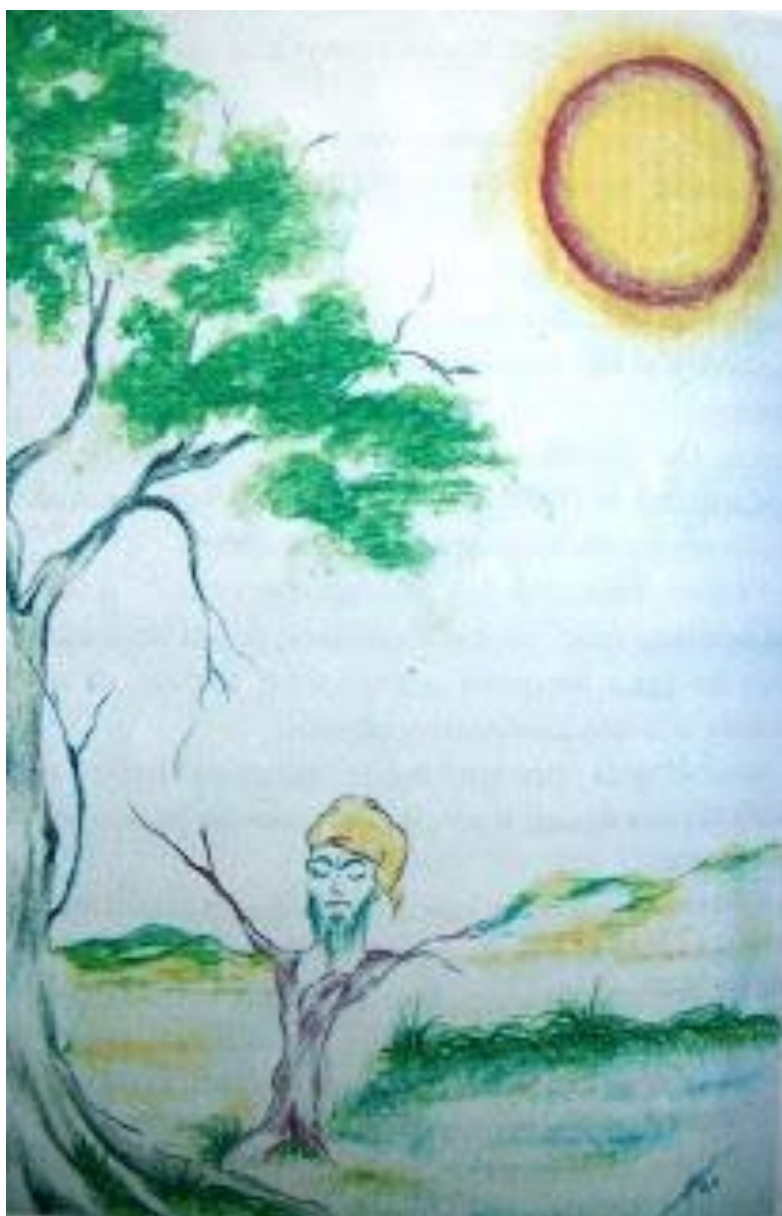
Primeiro as salamandras pensaram em convocar uma reunião geral, entre todos os seres encantados do Planeta, já que a situação parecia muito grave, isto é, se as vozes estivessem falando a verdade. Mas depois conversaram e chegaram à conclusão de que seria melhor deixar isso para mais tarde, se fosse necessário, é claro, e elas mesmas tentarem, pois estavam espalhadas por todo o Planeta.



Resolveram se dividir em grupos. Algumas iriam falar com o papai Sol. Não parecia possível, mas quem sabe? Talvez ele tivesse resolvido mandar mais calor para a Terra...

Outras tentariam descobrir algo junto aos seres encantados dos outros elementos. Falariam com as sílfides, fadas do ar, com as ondinas, fadas da água, e com os gnomos, protetores da terra, das florestas e dos animais. Depois se encontrariam novamente e veriam o que fazer.

- Não há nada de novo por aqui – garantiu papai Sol.
- O calor é o de sempre. Vocês já tentaram falar com as sílfides?



– Não, nós não mudamos a receita do ar – garantiram as sílfides, ofendidas. – O efeito estufa, que é o cobertorzinho que a Natureza arranhou para a mamãe Terra, é feito de dióxido de carbono e outros gases, em quantidades certinhas.

– É um cobertorzinho invisível e mágico - continuaram elas. Ele deixa as cores do papai Sol passarem para a Terra, mas na volta, ele segura as cores quentes. Assim todos os seres, plantas, bichos, gente, todos podem ter uma vidinha equilibrada. E nós não íamos errar numa receita tão importante.

As ondinas também não sabiam de nada e não puderam ajudar as salamandras, mas disseram que, pensando bem, o nível do mar parecia estar subindo, porque muitas casas de praia estavam cada vez mais perto da água. E ficaram preocupadas, pois disseram que, se a temperatura da Terra aumentasse, o gelo dos polos poderia se derreter e o nível do mar subiria pra valer, inundando ilhas e países.



Os gnomos, esses sim sabiam de muita coisa. Aliás, estavam desesperados, precisando de toda a ajuda possível. Havia muitos deles sem casa e cada dia a situação piorava.

– Sim, é verdade! A Terra vai ser destruída e a culpa, a culpa é de vocês! – gritaram eles, com raiva.

– Nossa? – perguntaram as salamandras, desconcertadas, sem entender nada.

– Sim, de vocês, que, ano após ano, vêm destruindo as florestas em que vivemos. Destruindo, queimando árvores, onde fazemos nossas casas.

– Nós?

– Não se façam de inocentes! – exclamou um gnomo de cara muito zangada. – Só falta dizerem que vocês não sabem que as árvores e outras plantas, da terra e da água, absorvem o gás carbônico do ar para transformá-lo, junto com a água e a luz do Sol, em oxigênio para todos respirarem.

– Ah, sim, claro! Também vão dizer que não sabem que, quando são queimadas, as pobres devolvem o gás carbônico que usaram à natureza e, sem querer, aumentam a quantidade desse gás na atmosfera... – continuaram, irônicos. – Sem florestas, quem vocês acham que vai absorver o gás carbônico do ar, hein?

– Ah, então a culpa é de vocês! – exclamaram as salamandras, muito irritadas, vermelhas de raiva, crescendo em labaredas.

– Nossa? Nossa? E por quê? – gritaram os gnomos, furiosos.

– Por quê? Ora, porque são vocês, vocês que fazem crescer as árvores que são queimadas e soltam o gás carbônico no ar. Se a temperatura da Terra aumentar por causa disso, a culpa é de vocês. Ou vocês acham que o fogo se faz sozinho?

– Que absurdo! Não dá para discutir com criaturas burras! – disseram os gnomos, desaparecendo, desesperados.



– Calma, calma! O que está acontecendo? – A voz era de uma pequena fada, sentada em uma pedra no meio de um riacho de água limpinha e brilhante, através da qual era possível ver lindos peixinhos coloridos.

As salamandras tinham muito respeito pelas ondinas, protetoras das águas, mas estavam mesmo muito nervosas e explodiram:

– Primeiro culpam o vulcãozinho e agora colocam a culpa em nós! Mentiras e mais mentiras! E agora só falta vocês, as ondinas, nos crucificarem. Mas antes que vocês falem mal de nós, queremos

dizer que vocês, as ondinas, também são culpadas, porque vocês fazem as árvores crescerem também.

– Mas... – tentou protestar a pequena fada da água.

– Depois, as árvores se queimam, mandam gás carbônico para o ar e pronto: a temperatura da Terra aumenta com inundações, fome, tudo de pernas para o ar.

– E as salamandras sumiram, numa explosão, deixando a fadinha de boca aberta, sem saber o que pensar. Mas percebeu que era hora de convocar uma reunião urgente com os seres encantados da água.

Enquanto isso, o vulcãozinho continuava muito triste, sem saber dos esforços de suas amigas salamandras para ajudá-lo e agora, mais do que nunca, para salvar o planeta.

Todos da vizinhança o olhavam como se ele fosse um criminoso. Vozes horríveis não paravam de acusá-lo:

“A Terra vai esquentar! Vai esquentar! Vai esquent...”.

“O gelo dos polos vai derreter e não vai mais refletir a luz do Sol! A Terra vai absorver mais calor! Mais calor!”

“O nível do mar vai subir! Muitas terras vão ficar inundadas...”.

“Muitos animais vão morrer! As focas, os leões-marinhos, os pinguins, muitos pássaros...”.

“As plantas não vão aguentar a mudança do clima! Um grau centigrado a mais já é suficiente para que a quantidade de arroz e trigo diminua. O fantasma da fome vai devastar a Terra... A fome, fome, fome...”.

“E a culpa é sua, vulcãozinho, Sua, sua, só sua!”.

O pobre vulcãozinho não aguentava mais aquilo. E suas amigas salamandras, que não chegavam... Ele segurava o mais que podia suas lavas, mas era impossível. Ficava todo engasgado e no final, era pior, porque elas saíam desgovernadas, loucas...



A confusão se instalara definitivamente entre os elementos, que responsabilizavam uns aos outros pela catástrofe iminente.

Chegou-se, então, à conclusão de que não era mais possível adiar uma reunião geral entre os seres encantados dos reinos elementais.

A notícia espalhou-se pelos rios, mares, florestas, desertos, cidades. A reunião seria no Planalto Central do Brasil, num ponto em que, diziam, havia maravilhosas vibrações, necessárias para auxiliar a encher de luz aquela confusão toda.

No início, as coisas estavam difíceis, tensas. Todos estavam muito nervosos e olhavam desconfiados uns para os outros, separados em grupos que cochichavam, mal-humorados.

A primeira a falar foi a representante das salamandras, que explicou a todos o que estava acontecendo e fez sua queixa: havia alguém interessado em responsabilizar o vulcãozinho, seu amigo, e as Salamandras em geral pela possível catástrofe. Em seguida, passou a palavra à representante das sílfides.

– Todos sabem – começou ela - que o efeito estufa é uma coisa natural, que é ele que faz a nossa mãe Terra ficar quentinha. Sem ele, a vida aqui seria impossível. O frio seria insuportável. A temperatura do planeta seria baixíssima e os oceanos estariam congelados.

– Oh! – exclamaram as salamandras, arrepiadas só de pensar.

– Por isso, nós cuidamos direitinho para que a quantidade de dióxido de carbono e outros gases do efeito estufa não se desequilibrem. Eles deixam a luz do papai Sol entrar, com todas as cores, mas não deixam o calor sair, porque todos precisamos dele para viver.

– Só que – continuou a representante das sílfides, agora muito preocupada. - Se esses gases aumentarem, quer dizer, se a quantidade deles aumentar, uma quantidade cada vez maior de calor vai ficar junto à superfície, muito perto da Terra. E isso provocará um grande desequilíbrio. Por isso, nós cuidamos com todo carinho do efeito estufa e não temos culpa se outros fazem com que a quantidade de dióxido de carbono, por exemplo, aumente na atmosfera.

– Seja mais clara, por favor – pediu a representante das salamandras. Pelo que a senhora disse, entendemos que a culpa não é absolutamente do nosso pequeno vulcão amigo, que há muitos anos se comporta do mesmo jeito, sem provocar nenhuma catástrofe, pelo menos desse tipo.

- Sim, mas as queimadas...
- A senhora está insinuando que temos culpa das queimadas?
- E quem teria? – interrompeu o representante dos gnomos, irônico.
- Talvez os próprios gnomos, como já tive a oportunidade de dizer, que cuidam para que as árvores cresçam! – atacou a salamandra. – Ou as senhoras sílfides, pois como todos sabem, não há fogo sem a colaboração do oxigênio do ar!
- Que disparate! – gritaram as sílfides, sibilantes, levantando saias, despenteando cabelos e soprando labaredas.
- Ou ainda as senhoras ondinas, por que não? – Gritava a salamandra em meio ao tumulto que se formou. Não é a água que ajuda as árvores a crescerem?
- Por favor, por favor! – pedia a representante das ondinas, tentando refrescar o ambiente. Ouçam-me! Não adianta discutir quando todos querem apenas ganhar uma discussão!
- Apesar dessa confusão toda, foi possível perceber algumas coisas – continuou ela, quando tudo ficou mais tranquilo. – Ou todos têm culpa ou ninguém tem culpa!

Novo tumulto. Muitos se espantavam e protestavam contra as palavras da Ondina, mas muitos começaram a compreender e pediram a ela para continuar falando.

- As salamandras têm razão, apesar de se incendiarem depressa demais para pensar com calma – continuou quando se fez silêncio. – O fogo só queima com a ajuda do oxigênio do ar, e só queima se houver o que queimar que, no caso, é a madeira. E a madeira só cresce com a ajuda da água, da luz do Sol, do gás carbônico do ar, dos sais minerais da terra.

– Oh! É verdade! – exclamaram todos. – Como não vimos isso antes?

– Tudo está ligado na natureza!

– Sim, tudo está ligado!

E os seres encantados se emocionavam, sorriam, se abraçavam, concordando que tinham sido tolos, preocupando-se apenas com suas emoções, consigo mesmos, quando havia um problema muito mais sério a resolver.

– Estamos juntos em todos os seres. Nos homens, nos animais, nas plantas, em tudo!

– Somos todos irmãos, somos uma coisa só – diziam uns aos outros, emocionados.

– Mas então, se não queremos destruir nossa Mãe Terra, que seria o mesmo que destruir a nós próprios, como é que essas coisas horríveis estão acontecendo? – perguntaram, confusos outra vez.

Ao despedir-se, prometeram fazer tudo para resolver aquele mistério. Agora que estavam unidos, tudo seria mais fácil.

As salamandras, pelo menos, podiam voltar a ver seu amigo vulcãozinho e dizer a ele que podia ficar mais tranquilo, ou melhor, que podia ter suas pequenas fúrias em paz. E assim fizeram, o mais depressa que puderam.

De início ele ficou muito, mas muito aliviado e feliz. Mas, depois de algum tempo disse às suas amigas:

– Sim, mas se já há dióxido de carbono em maior quantidade que a necessária na atmosfera, sem querer estou colaborando para piorar o problema.

– Mas a culpa não é sua! – tentaram consolá-lo as salamandras, elas mesmas inconsoláveis...

– Não, não poderei ficar em paz enquanto não descobrirmos este mistério – E chorou baixinho, um choro de vulcãozinho, sem lágrimas.

Pobre vulcãozinho! Ele não sabia que, apesar de tudo, havia muitos seres humanos, que ele conhecia tão pouco porque não ousavam aproximar-se dele, que amavam a Natureza e estavam muito preocupados, querendo encontrar uma solução para aquele e outros problemas...

E, em uma das reuniões que estavam sendo feitas para tentar achar uma saída para o Planeta Terra, alguém teve a ideia:

– E se pedíssemos ajuda às crianças? Elas são capazes de receber nossas mensagens!

– Sim, e há também homens e mulheres com corações de criança, que acreditam nos seres encantados da Natureza. Eles também podem nos ouvir.

E assim, no dia seguinte, as mensagens dos seres encantados da Natureza já tinham chegado, através de sonhos ou de outras formas, a muitas crianças e adultos-crianças que começaram a se interessar pelo efeito estufa e a pesquisar as causas do aumento de seus gases na atmosfera.

As descobertas, assim havia sido combinado, seriam levadas pelas lindas sílfides até o pico de uma alta montanha, onde um ser encantado de olhos incrivelmente brilhantes e envolto em luz de todas as cores do arco-íris as receberia.

E o vulcãozinho triste, assim, pôde ouvir, não só aquelas vozes horríveis que continuavam a culpá-lo pelo desastre do Planeta, mas também as mensagens que as fadas do ar, que passavam por ali, levavam em direção à montanha encantada.

“Os seres humanos estão cada vez mais perdidos e infelizes e querem comprar, comprar cada vez mais, pensando que as coisas materiais podem preencher o vazio que existe em seus corações”.

“Quanto mais coisas são fabricadas, mais energia é gasta, mais água, mais minérios, mais madeira, mais... O Planeta não vai aguentar...”.

“Carros, fábricas e usinas elétricas que queimam carvão, petróleo e gás enchem o ar de dióxido de carbono”.

– Ah, então é isso! - Exclamou o vulcãozinho.

“Quilômetros e quilômetros de florestas são queimados a todo o momento no Planeta, enchendo o ar de dióxido de carbono por culpa da cobiça dos seres humanos”.

“Os CFC, gases usados em refrigeradores, freezers, aparelhos de ar condicionado, embalagens de isopor, aerossóis, podem segurar grandes quantidades de calor, aumentando a temperatura do Planeta”.

“A vida dos oceanos pode desaparecer, se a temperatura da Terra subir. E são as algas quem produzem a maior parte do oxigênio que os seres do Planeta respiram”.

As mensagens continuavam passando e as vozes que acusavam o vulcãozinho iam ficando cada vez mais fracas, engasgadas, sem graça.

– Vejam! – Exclamaram as salamandras, que se aproximavam dali naquele momento. – Que seres esquisitos são esses?!

Assustado, o vulcãozinho viu monstros que pareciam feitos de fumaça suja, com cabeças enormes e buracos nos lugares onde deveriam existir corações.

– Não é culpa nossa! Não é culpa nossa! - choramingavam, tentando fugir das salamandras, e o vulcãozinho reconheceu suas vozes: eram as mesmas que o haviam acusado o tempo todo.

– Quem foi que mandou vocês? Digam! - Ordenaram as salamandras, fazendo em torno deles um círculo de fogo. – Onde é que vocês estavam?

– Nós estávamos invisíveis, mas perdemos a força e não conseguimos mais nos esconder.

– Quem mandou vocês? Respondam!

– Foram eles! Eles nos alimentam com seus pensamentos, com seus desejos de poder, de mais dinheiro, mais coisas. Coisas, coisas e mais coisas! E fazem qualquer coisa para conseguirem o que querem. Nós somos criações deles e precisamos obedecê-los – tentavam desculpar-se.

– Eles quem? – Impacientavam-se as salamandras, que precisavam estar, dentro de pouco tempo, na montanha encantada.

– Os seres humanos que só pensam em ficar cada vez mais ricos e poderosos! – responderam os monstros e, aproveitando-se da surpresa das salamandras, que abriram por momentos o círculo de fogo, fugiram.

O vulcãozinho, que via poucas pessoas, e ainda de longe, estava muito abalado.

– Que horror! Será que os monstros estavam falando a verdade? Será que os seres humanos são tão maus assim? Mas por que estariam interessados em me responsabilizar pelo que eles fazem?

– Assim fica mais fácil para eles fazerem o que querem. Para essas pessoas é melhor que ninguém conheça a verdade, que

ninguém tenha uma verdadeira educação. Por isso querem esconder a realidade e, pior ainda, fingir que são bonzinhos.

– Parece mentira...

– Mas não são todos. Há seres humanos cheios de luz. Bem, até logo, querido. Precisamos contar aos outros o que descobrimos.

Apesar da preocupação pelos destinos do Planeta, reinava um clima de muita alegria na montanha encantada, escolhida para o encontro de que participariam seres mágicos da Terra inteira.

Todos estavam vestidos com as mais belas roupas, típicas de seus países de origem, produzidas por eles próprios, num estalar de dedos. Materializadas por seus pensamentos! Materialização de pensamentos, também, foi o belíssimo palácio de cristal, construído especialmente para o encontro, todo iluminado com mil estrelinhas e rodeado de jardins, cascatas e pequenos riachos cristalinos.

A paz chegara, finalmente, para os seres encantados do Fogo, da Terra, da Água e do Ar. Conheciam, agora, os autores de todo aquele plano hipócrita, mentiroso e malvado e, apesar de sofrerem em seu íntimo, por serem usados por seres humanos inconscientes e infelizes, tinham esperanças.

Grandes esperanças de, um dia, alcançarem a liberdade, que o Criador lhes havia dado no início dos tempos, para ajudar a criar um mundo belo e justo, em que todos pudessem viver felizes.

Por isso tudo e, apesar de tudo, porque é importante ser feliz, as belas fadas brincavam nos riachos e nas cascatas, dançavam no salão do palácio de cristal, aprendiam canções de outras terras.

Depois, todos se reuniram no jardim. Era hora de ouvir, calar, receber inspiração dos Seres Divinos.

– Há quatro bilhões e meio de anos, a Natureza Divina, auxiliada por seres de muita luz, seres amorosos e delicados, construíram este lindo Planeta e todos os seres que nele existem.

E o belo ser encantado, protetor daquelas montanhas, cujo manto de luz brilhava como o sol, parou um momento de falar e envolveu a todos com um olhar cheio de amor.

– Há muito, muito pouco tempo, porém, comparado com a idade do Planeta, uma nova criatura, que se diz a mais inteligente dentre todas as criaturas da Terra, distanciou-se até de seus iguais e elegeu um novo Deus, chamado dinheiro e poder. E em nome desse deus, começou a destruir a água, o solo, o ar, sem perceber que ela própria é feita de água, de terra, de fogo e de ar.

– Que coisa terrível! – Murmuravam os participantes desse encontro.

– Em pouco tempo – continuou o ser encantado- nosso lindo Planeta Terra pode estar irremediavelmente destruído, se nada for feito para acordar os seres humanos, perdidos em si próprios.

Depois foi a vez das sílfides relatarem as informações que haviam recebido e, após discutirem longamente a situação, agora com muita calma, todos silenciaram e uma música suave juntou-se ao som da água e da brisa que brincava com as folhas das árvores do jardim.



Durante muito tempo todos ficaram assim, em silêncio, com a atenção firme em seus corações, pedindo inspiração Divina, pedindo ajuda a Deus para libertá-los de servir aos destrutivos propósitos do homem.

Depois escreveram em papéis criados por seus próprios pensamentos, suas mensagens e as colocaram em uma linda cesta em meio às flores do campo.

– Mas você disse que havia um lindo castelo de cristal aqui - reclamou a corujinha, amuada.

– Mas eu tenho certeza... É, acho que eu imaginei - suspirou mamãe coruja.

Em outro lugar, um vulcãozinho via, admirado, luzes de todas as cores se aproximando, iluminando a noite estrelada.

– Que beleza! – exclamou, e seu coraçãozinho de vulcão se encheu de uma sensação novinha em folha, fresquinha, feliz.

Uma forma luminosa, colorida, se aproximara cada vez mais. O que seria? Ah, era uma pequena Fada brincalhona, que vinha dançando no ar.

A linda sílfide pousou com graça bem no alto do vulcãozinho, perto de sua cratera, e colocou, ao seu lado, um envelope vermelhinho que trazia em sua mão. Depois se sentou, abriu-o com cuidado e, com voz clara e musical, para que o vulcãozinho e todas as criaturinhas que viviam ali pudessem ouvi-la, começou a ler. Eram as mensagens dos Seres Encantados para as crianças.

Na manhã seguinte, os raios dourados do Sol, (ou prateados da Lua, nos países onde era noite) beijaram com carinho lindos envelopes coloridos, deixados em parapeitos de janelas de muitas casas da Terra por graciosas fadinhas de asas brilhantes...

FIM

O Vulcãozinho Assustado e o Efeito Estufa

CARTINHA DOS ELEMENTAIS PARA AS CRIANÇAS



Bem dentro do seu coração, amiguinho, amiguinha, existe toda a magia, toda a força para criar coisas lindas, para encontrar a felicidade.

Essa é a grande aventura.

Você e eu somos Natureza. Somos água, ar, calor do sol, sais minerais do solo.

Afastar-se da Natureza pode significar fechar para sempre as janelas e as portas que levam ao maravilhoso...

Mas agora nós já conhecemos o caminho e não vamos mais nos perder, não é?

Coisas que parecem pequenas, ações que poderiam parecer insignificantes, são os tijolinhos coloridos de nosso castelo de encanto, de felicidade, com suas fontes cristalinas, o ar cheiroso e fresquinho, os riachinhos com margens arborizadas e muitos peixinhos coloridos, as belas flores dos jardins.

Nosso lindo Planeta azul ficou inventando para nós toda a energia de que precisaríamos para, um dia, termos uma vida cheia de abundância, em que nada nos faltasse, e em que vivêssemos em harmonia com todos os seres que ele inventou: os animais, as plantas, os rios, o solo, o ar, tudo.

Foi um tempo muito longo, impossível de imaginar: quatro bilhões e meio de anos!!!

Muito, muito tempo depois é que a mamãe Natureza achou que tudo estava pronto para que os seres humanos pudessem viver aqui e então lhes deu um presente maravilhoso, que nenhum outro ser recebeu: um cérebro capaz de fazer as coisas não só pelos instintos, pelos seus desejos, mas pela razão. Ela acreditou que, assim, eles seriam capazes de conservar seus tesouros.

Que seriam capazes de observar e de compreender se um desejo que vem será bom, tanto para eles, como também para todos os outros seres criados por ela, a Natureza, nossa Mãe.

E é muito, muito triste saber que ainda não conseguem usar esse cérebro maravilhoso para aquilo que nossa Mãe Natureza sonhou e, que, em tão pouco tempo, como se fosse um segundo

comparado com a idade de nosso Planeta, estejam, tão rapidamente, acabando com toda essa maravilha. Com tudo, com cada um de nós e com todas as crianças e pequenos seres que não terão mais a felicidade de viver aqui.

Mas nós, que estamos aprendendo a entender nosso mundo, já podemos fazer a nossa parte para mudar esta história, não é?

Então, vamos ver algumas coisas que as pessoas podem fazer: Apagar as lâmpadas, quando sua luz não for necessária.

Não desperdiçar nada. Nem água, nem comida, papel, lápis, canetas, borrachas, madeira, nada.

Dar muito e cada vez mais valor às coisas que possuem. Para que estragar a Natureza, querendo cada vez mais objetos que as pessoas acabam esquecendo, que nem as fazem felizes por muito tempo?

Andar mais a pé ou de ônibus, ou de trem. Você acha que a Natureza vai aguentar se cada pessoa quiser um carro só para si? Fazer compras com sacolinhas de pano, economizando papel e plástico, isto é, árvores, petróleo, água, energia elétrica.

Usar cada vez menos coisas descartáveis, como o plástico, que está poluindo os oceanos.

Separar todo o lixo para ser reciclado e assim economizar ferro, alumínio, papel, plástico e outros materiais e então não sujar o ar, a água, o solo, de que os seres da Natureza precisam para viver; não encher de lixo os mares maravilhosos, que já estão lotados de sacos plásticos em que os peixes morrem porque não podem respirar.

Semear e plantar lindas árvores para proteger os rios, as nascentes, os lagos.

Preservar as florestas, recuperar as florestas destruídas.

Falar às pessoas sobre energias alternativas, como a energia do sol, do vento, das ondas do mar, que, apesar de precisarem de materiais para armazenar a energia, poluem menos.

Abrirmos o coração à sabedoria e à magia da Natureza e agradecermos por tudo o que recebemos dela a cada momento. Contar para as pessoas as coisas tão importantes que aprendemos sobre a Natureza e outras ideias que você tiver.

Então um dia, quando devolvermos à mamãe Natureza, como um presente, tudo o que ela também nos deu de presente, deixaremos um Planeta lindo e encantado para as crianças e todos os belos seres que nascerão depois de nós.

Beijos muito, muito carinhosos das ondinas, salamandras, sílfides e gnomos.

* * *



Isabel Bande Espinosa e crianças, na Praça Barão de Alfenas, em São Thomé das Letras-MG.

Quem teria interesse em responsabilizar nosso vulcãozinho pelo efeito estufa, que estava trazendo tantos terríveis problemas para o nosso lindo Planeta?

Ele não entendia por que aquelas horríveis vozes o estavam acusando.

Com muita pena de seu amigo, e também muito preocupadas com aquela situação horrível, as Salamandras, as lindas fadas do fogo, resolveram ajudá-lo a desvendar aquele mistério. Mas como?

Nosso mundo corria grande perigo. Algo precisava ser feito. E logo.

Começaram a investigar. Pediram ajuda aos seres encantados da água, da terra e do ar.

Depois de muitas aventuras, em que descobriram coisas muito interessantes a respeito da Natureza e dos seres humanos, chegaram à conclusão de que, sozinhos, não conseguiriam salvar o Planeta.

Pensaram que talvez tudo aquilo estivesse acontecendo porque as pessoas não conheciam a si mesmas e também não entendiam as relações que existiam na Natureza, que elas não tinham consciência de que eram Natureza. E que por isso era preciso primeiro conhecer a Natureza, para então amá-la e defendê-la. E então tiveram uma grande ideia: pedir ajuda às crianças.



**© Copyright 2021,
Isabel Bande Espinosa.**